

## **PAPEL DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR AO PACIENTE POLITRAUMATIZADO: REVISÃO DE LITERATURA**

Autor Estéfany Maria Silva de Sousa (1); Co-autor Renato de Almeida Andrade e Souza (1); Co-autor: Juliane Maria Delgado Barros (1); Orientador Karelline Izaltemberg Vasconcelos Rosenstock (2)

*Instituto de Educação Superior da Paraíba, diretoriageral@iesp.edu.br*

**Resumo:** O profissional de Enfermagem tem um papel importantíssimo no Atendimento Pré-Hospitalar, junto ao paciente politraumatizado. O presente artigo tem como objetivo identificar as atuais ações descritas na literatura desenvolvidas pela enfermagem atuante neste tipo de serviço e propor ações que venham a maximizar a qualidade no atendimento dos serviços de urgência, analisando as contribuições de pesquisas online relacionadas à atuação da enfermagem no APH no período de 2009 a 2016. Baseia-se em um estudo do tipo bibliográfico, exploratório, descritivo com análise integrativa e com abordagem qualitativa, obedecendo aos protocolos de emergência. Observa-se que as equipes que compõem o APH enfrentam diariamente situações muito específicas e são considerados particularmente vulneráveis, já que no decorrer do seu dia a dia lidam com o contínuo sofrimento humano e a luta contra o tempo para salvar vidas. E para realizar um bom atendimento, o enfermeiro deve nortear a sua equipe sobre a melhor maneira de estabilizar o paciente, sendo eficaz e rápido. Por esse motivo, o enfermeiro é responsável direto pelo cuidado, devendo estar preparado para atuar de maneira adequada e providenciar a remoção do paciente o mais rápido possível para a unidade hospitalar. No entanto, ficou evidente que as faculdades não preparam o profissional para o APH, deixando muitas lacunas no conhecimento transmitido. A educação continuada na área em destaque é um fator primordial, sendo necessário haver treinamentos e revisão dos protocolos existentes, os quais precisam ser seguidos a fim de nortear a assistência prestada.

**Palavras-chave:** Enfermeiro, Atendimento pré-hospitalar, Urgência.

### **INTRODUÇÃO**

O Ministério da Saúde considera como nível pré-hospitalar na área de urgência-emergência segundo a Portaria N° 824, de 24 de junho de 1999, aquele atendimento que procura chegar à vítima nos primeiros minutos após ter ocorrido o agravo à sua saúde podendo levar à deficiência física ou mesmo à morte, sendo necessário, portanto, prestar-lhe atendimento adequado e transporte a um hospital devidamente hierarquizado e integrado ao Sistema Único de Saúde (BRASIL, 1999).

Somente com a implantação do SAMU no Brasil, que se deu em 1995 por meio de um termo de cooperação técnica com a França, o atendimento pré-hospitalar iniciou-se estruturado em duas modalidades: o Suporte Básico à Vida (SBV) e o Suporte Avançado à Vida (SAV). O SBV consiste na preservação da vida, sem manobras invasivas, em que o atendimento é realizado por pessoas treinadas em primeiros socorros e atuam com supervisão médica. Já o SAV, tem como características manobras invasivas, de maior complexidade e, por este motivo, esse atendimento é realizado exclusivamente por

médico e enfermeiro. Assim, a atuação da enfermagem está justamente relacionada à assistência direta ao paciente grave sob risco de morte (MELLO; BRASILEIRO, 2010).

De acordo com a Portaria n.º 2048/GM, de 05 de novembro de 2002, e ampliada em 2006, a qual faz parte da Política Nacional de Atenção às Urgências, a área de Urgência e Emergência constitui-se em um importante elemento da assistência à saúde e normatiza o serviço de APH. Ainda, estabelece regras que vão desde a especialização da equipe até as características dos veículos e os equipamentos a serem utilizados nas ambulâncias (BRASIL, 2006).

Os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para eles. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas, sim, com a resolução do problema de saúde (BRASIL, 2001).

A presença do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar e inter-hospitalar, em situação de risco conhecido ou desconhecido é regulada pela Resolução n.º 375 de 22/03/2011 COFEN. Essa resolução determina que a assistência de enfermagem em qualquer tipo de unidade móvel (terrestre, aéreo ou marítimo) destinada ao atendimento pré-hospitalar e inter-hospitalar, somente deve ser desenvolvida na presença do enfermeiro. Nos dias atuais, ainda nos deparamos com enfermeiros do APH que não são capacitados e habilitados para realização desta atividade, fator este que põe em risco a vida do ser humano (COFEN, 2011).

Ao necessitar da utilização deste serviço de saúde, o indivíduo acometido pelo acidente precisa contar com um profissional que além de recursos materiais adequados, ofereça-lhe um atendimento integrado e humanizado. Desta forma, é imprescindível que haja um bom planejamento e avaliação permanente do serviço, que vise ofertar as necessidades da comunidade, definir as prioridades, obedecer os protocolos, entre outros.

Diante do exposto, o presente estudo parte da seguinte questão norteadora: Quais as contribuições das pesquisas online relacionadas a atuação do enfermeiro no Atendimento Pré-hospitalar, no período de 2009 a 2016?

O interesse por este tema surgiu pela necessidade de discutir e definir as ações que o enfermeiro implementa ao paciente politraumatizado no

atendimento pré-hospitalar, bem como, a forma como este profissional lida com o fato de prestar um atendimento sequencial e rápido, obedecendo aos protocolos de emergência, podendo levar a uma ação “mecanizada” que pode fragmentar o cuidar em enfermagem e prejudicar o atendimento humanizado no APH ao indivíduo necessitado. Assim, esta pesquisa tem como objetivos: identificar as atuais ações descritas na literatura desenvolvidas pelo enfermeiro atuante neste tipo de serviço; analisar as contribuições de pesquisas online relacionadas à atuação da enfermagem no APH no período de 2009 a 2016; e por fim, propor ações que venham a maximizar a qualidade da assistência de enfermagem no atendimento dos serviços de urgência.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica, exploratório, descritivo, com análise integrativa da literatura e com abordagem qualitativa. A sua realização consiste na possibilidade do oferecimento de subsídios para implementação de modificações que promovam a qualidade das condutas assistenciais de enfermagem por meio de modelos de pesquisa (GANONG, 1987). Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Segundo Gil (1999) “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.”

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008).

A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar

lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A realização deste estudo se assegura em literaturas estruturadas, a partir de artigos e publicações indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados Scielo, Bireme e LILACS. Para selecionar o material foram utilizados os seguintes descritores: Assistência de Enfermagem; Atendimento pré-hospitalar; Paciente politraumatizado. Além da utilização de artigos, esta pesquisa baseia-se na legislação brasileira vigente referente a urgência e emergência. A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre de 2016.

Os critérios para a seleção da amostra foram: que a publicação aborde, no título ou no resumo, a temática investigada; esteja no intervalo entre 2009 a 2016; disponível na íntegra e no idioma português. Após a busca, foram encontrados na base de dados 99 estudos, dos quais 86 abordavam o tema do estudo, mas apenas 8 atendiam aos critérios da pesquisa, compondo a amostra.

Para análise dos dados coletados, este estudo utilizou a técnica de análise de conteúdo, definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação “visando a obter [...] indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2009, p.10).

A técnica de análise de conteúdo do referido autor é composta por três etapas: 1) a pré-análise, onde é realizada a organização e leitura flutuante do material; 2) a exploração do material, com codificação das unidades de registro; e 3) o tratamento dos resultados, interpretação e categorização dos conteúdos.

Desta forma, para alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, os conteúdos temáticos encontrados nos trabalhos foram elencados visando a análise da atuação do enfermeiro, bem como o seu desempenho e qualificação profissional no atendimento ao paciente politraumatizado.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a leitura do material selecionado para o estudo, com relação ao papel do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar ao paciente politraumatizado, ficou evidente a importância do enfermeiro como um gestor no atendimento pré-hospitalar, devido às atividades exercidas neste âmbito serem de alta complexidade e exigirem deste profissional um conjunto de qualidades, as quais serão esplanadas no decorrer desta pesquisa. As Portarias e Resoluções sobre a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar incluídos na revisão da literatura estão representadas na Tabela 1.

**Tabela 1** – Portarias e Resoluções sobre a atuação do enfermeiro no atendimento pré hospitalar incluídos na revisão da literatura, 2009 - 2016.

REFERÊNCIA	TÍTULO	ANO
COFEN / RESOLUÇÃO N° 375	Dispõe sobre a presença do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar e Inter-Hospitalar, em situações de risco conhecido ou desconhecido.	2011
PORTARIA N° 824 - MINISTÉRIO DA SAÚDE	Dispõe de Normas de atividade médica em Nível pré-hospitalar.	1999
PORTARIA GM/MS N.º 2048	Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência.	2006
RESOLUÇÃO CNE/CES N° 3	Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.	2001

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O Ministério da Saúde relata de forma alarmante a ocorrência de acidentes em todo o território brasileiro, conforme as estatísticas os acidentes envolvendo traumas no trânsito, envenenamento, afogamento, quedas, queimaduras, e violências representam, no Brasil, a primeira posição na população de adultos jovens (10 a 39 anos) e a terceira posição na população geral (BRASIL, 2011).

A legislação de enfermagem para a assistência pré-hospitalar tem ganhado foco na atualidade. Conforme se constatou, há inúmeros decretos e Resoluções que respaldam o enfermeiro a ter autonomia para desenvolver suas atividades. Mas para que o atendimento pré-hospitalar possa se expandir e proporcionar um atendimento

eficaz e rápido, é necessário que se invista mais na formação acadêmica, desde os estágios curriculares da graduação apresentando aos acadêmicos as peculiaridades do atendimento pré-hospitalar (COUTINHO, 2011).

O enfermeiro deve então se adaptar a essas exigências de maneira crítica e reflexiva, em especial, com relação às competências necessárias para seu bom desempenho profissional, a fim de sempre buscar a valorização pelo mundo do trabalho e pela sociedade. (FURUKAWA; CUNHA, 2010).

Diante do exposto, fica evidenciado que a assistência prestada no APH deve ser realizada por profissionais capacitados e treinados, onde o enfermeiro deve estar apto para liderar esta equipe, propiciando ao paciente uma eficaz e imediata estabilização, o que por sua vez, exige muito esforço e cooperação da equipe, como também o profissional pode se deparar com situações graves que vão ao encontro de suas experiências pessoais e geram uma reação emocional, além de oferecer uma assistência humanizada, ao mesmo tempo em que deve saber lidar com os riscos oferecidos pela cena, com o sofrimento humano e ainda seguindo aos protocolos simultaneamente.

Com relação as publicações selecionadas para o estudo, observou-se que o tema já vem sendo debatido ao longo dos últimos anos, pois sabe-se que o APH não é um tratamento definitivo para uma vítima acometida por politraumas, mas sua realização de maneira adequada e eficaz é primordial para a sobrevivência do paciente. Os artigos apontam que uma boa assistência pré-hospitalar dependerá do engajamento de toda a equipe de enfermagem, sendo função do enfermeiro gerenciar o atendimento. Todos devem ter conhecimento teórico, técnico e ético, para poder prestar socorro à vítima, estabilizando-a imediatamente e encaminhando-a o mais célere possível ao local onde receberá tratamento definitivo (LÚCIO; TORRES; GUSMÃO, 2013; SOUZA, 2015).

Pode-se definir politraumatizado como o indivíduo vítima de traumatismo de média e grande intensidade que atinja no mínimo dois compartimentos corporais representados por crânio, tórax, abdome, coluna vertebral e extremidades exigindo necessidade imperiosa de intervenções com objetivo de salvar a vida ou recuperar funções orgânicas bem como do aparelho locomotor. O que se destaca entre os trabalhadores que prestam assistência direta ao paciente fora do âmbito hospitalar são as peculiaridades do serviço, visando à manutenção da vida e à minimização das sequelas às vítimas em situação de urgência e emergência antes da sua chegada a uma instituição de atendimento especializado (COSTA, 2009; SANTOS, 2010).

Pereira e Lima (2009) afirmam que o enfermeiro ampliou seu espaço de atuação no APH, pois além das atividades de gerência, tem maior inserção na parte assistencial, tanto no atendimento básico como no avançado. Assim a assistência do enfermeiro, está diretamente relacionada com os pacientes em estado grave, sob risco de morte, onde realiza juntamente com o médico, procedimentos de maior complexidade.

Os estudos comprovaram que o enfermeiro é indispensável para assistência de enfermagem direta do paciente no APH, sendo também, responsável pela capacitação equipe de enfermagem no APH, fatores estes que aumentam a sobrevida do paciente. Notamos ainda que o enfermeiro nesta atividade não goza dos conhecimentos necessários para atuar no APH. Assim, há necessidade de uma maior capacitação deste nesta nova especialização da enfermagem no Brasil (ROMANZINI; BOCK, 2010).

Pode-se dizer que as ações de cuidado são o foco principal seguido das ações gerenciais e educativas. Porém, cabe aos enfermeiros refletir sobre o seu modo de cuidar no SAMU, visto que em nenhum artigo selecionado foi descrito a realização da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), ou seja, os enfermeiros não conseguem visualizar a SAE como um instrumento para valorizar o seu trabalho. Esta é uma atividade exclusiva do enfermeiro e regulamentada pelo COFEN através da Resolução nº 358/2009. A SAE contribui para maior visibilidade do trabalho realizado pela enfermagem e pelos enfermeiros em especial e possibilita quantificar o que foi feito e propicia um instrumento para avaliação crítica do fazer profissional, tornado-se uma ferramenta indispensável para o direcionamento de práticas seguras.

Com relação ao desempenho e qualificação profissional do enfermeiro no atendimento ao politraumatizado, os autores relatam que o enfermeiro atuante na área de emergência deve buscar capacitação contínua e possuir determinadas habilidades como, ter iniciativa e rapidez na tomada de decisões, saber avaliar a cena onde ocorreu o evento traumático, executar uma abordagem precisa ao politraumatizado, para assim compreender o ocorrido e posteriormente identificar as possíveis lesões que o indivíduo apresentará, podendo-o transportar o mais depressa possível para o tratamento definitivo.

Bueno e Bernardes (2010) descrevem o enfermeiro como agente articulador, facilitador e integrador, não bastando apenas às competências técnicas, para o autor é necessário entender as pessoas e os grupos para conquistar uma melhor coordenação e supervisão dos recursos humanos.

O perfil de morbimortalidade da população sofrem mudanças, as tecnologias tem avançado, o que exige do profissional, formação permanente. Porém, o que se observa é que a realidade diverge bastante do esperado, pois o enfermeiro do APH ainda não preconiza a busca por conhecimento como deveria. E academia por sua vez, tem sua parcela de contribuição para com isto, pois não oferece ao enfermeiro durante sua formação os subsídios teóricos/práticos suficientes para posteriormente exercer sua função no mercado de trabalho.

É válido ressaltar também a preparação psicológica que os profissionais do APH devem possuir, pois estes lidam continuamente com o sofrimento humano e cenários de violência muito diversificados.

Avelar e Paiva (2010) descrevem em sua pesquisa o enfermeiro como um ser solitário e de pouco relacionamento com os demais integrantes da equipe, isso se deve ao fato de ele prescrever o atendimento via telefone e a supervisão ocorrer da base do SAMU, enquanto o auxiliar, técnico de enfermagem e motorista estão prestando o atendimento à vítima. Mas vale ressaltar que em situações de baixa e média complexidade quem é responsável pelo primeiro atendimento é realmente o socorrista técnico ou auxiliar de enfermagem, e nos casos de maior complexidade o atendimento será prestado pelo enfermeiro e o médico.

De acordo com Santos et al (2010), os riscos ocupacionais no atendimento pré-hospitalar são gerados pela assistência prestada aos pacientes em diversos estados de gravidade e em locais que oferecem exposição a perigos externos. Dentre estes riscos estão o manuseio de equipamentos pesados, material perfuro/cortante, material contaminado por sangue e fluidos corporais, preparo e administração de medicamentos, contato com o lixo hospitalar, nas relações interpessoais de trabalho e produção, no trabalho em turnos, na predominância feminina, na tensão emocional advinda do convívio com a dor e sofrimento e, muitas vezes, da perda da vida, entre outros fatores.

É sabido que, mesmo que hajam medidas preventivas de segurança para minimizar os riscos e que tenha treinamentos orientando para a conduta correta desses profissionais, ainda assim, os acidentes podem ocorrer de maneira inesperada, haja vista que a exposição é um risco que estes profissionais irão sempre se deparar em um atendimento pré-hospitalar. Quando o enfermeiro recebe a ligação na base do SAMU convocando a equipe para prestar os primeiros socorros, não sabe que tipo de situação ou riscos irá enfrentar com sua equipe. Por isso a agilidade e habilidades são fundamentais ao enfermeiro e a equipe.

Destarte, o APH tem alcançado seu espaço nos últimos anos, conseqüentemente se torna cada vez mais necessário que toda a equipe do APH

aprimorem seus conhecimentos. Onde cabe ao enfermeiro um papel essencial para que isso ocorra, pois este é o profissional responsável em gerenciar a assistência prestada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo objetivou analisar em bases científicas o papel do enfermeiro no atendimento ao paciente politraumatizado, para posteriormente obter informações pertinentes ao tema, bem como sua atuação, preocupação, seu desempenho e qualificação profissional. Diante do exposto pelos autores fica evidente que as faculdades não preparam o profissional para o APH, deixando muitas lacunas no conhecimento transmitido, fazendo com que os profissionais que almejam ingressar na área recorram a cursos preparatórios ou pós-graduação em urgência e emergência, para assim poder obter experiência sobre a temática.

As equipes que compõem o APH enfrentam diariamente situações muito específicas e são considerados particularmente vulneráveis, já que no decorrer do seu dia a dia lidam com o contínuo sofrimento humano e a luta contra o tempo para salvar vidas. E para realizar um bom atendimento, o enfermeiro deve nortear a sua equipe sobre a melhor maneira de estabilizar o paciente, sendo eficaz e rápido. Por esse motivo, o enfermeiro é responsável direto pelo cuidado, devendo estar preparado para atuar de maneira adequada e providenciar a remoção do paciente o mais rápido possível para a unidade hospitalar.

Este estudo sugere que a educação continuada é um fator que deve ser enfatizado desde a faculdade, que deve haver treinamentos e que os protocolos existentes precisam ser seguidos, pois norteiam a assistência a ser prestada. Destaca-se ainda a escassez no que se refere ao apoio psicológico para o profissional do APH. Pois, o mesmo deve se sentir autônomo e seguro para gerenciar a equipe, uma vez que desenvolverá em sua equipe harmonia e habilidades para que possam tomar decisões rápidas e necessárias para a sobrevivência das vítimas politraumatizadas.

Enfim, no APH precisa-se de enfermeiros qualificados e preparados psicologicamente e profissionalmente para esse mercado de trabalho, para que assim, todas as partes envolvidas na assistência (profissional/paciente), estejam plenamente satisfeitas. Partindo destes pressupostos, as instituições formadoras destes profissionais devem preocupar-se em desenvolver políticas de formação específicas para esta área de atuação garantindo a melhoria da qualidade do trabalho, reconhecendo as pessoas como o fator mais valioso para o

desenvolvimento das atividades na busca de sua eficiência, da produtividade e dos serviços prestados à comunidade.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, V. L. L. M. ; PAIVA K. C. M. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. **Rev. bras. enferm.** v.63, n.6, 2010. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672010000600022](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000600022)> .

BARDIN. L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação (BR), Conselho Nacional de Educação. Resolução No 3, de 07 de novembro de 2001. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. **Diário Oficial** da República Federativa do Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. Brasília: MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Normas de Atividade Médica em Nível Pré-Hospitalar**: Portaria N° 824, de 24 de junho de 1999. Fortaleza: MS 1999. P. 21.

\_\_\_\_\_. Brasília: Portaria N° 2048, de 05 de novembro de 2006. Portaria N° 2048, de 5 de Novembro de 2006.

\_\_\_\_\_. Brasília: MINISTÉRIO DA SAUDE. **Vigilância de violências e acidentes em serviços sentinelas de urgência e emergência**. Viva Inquérito – Capitais e Distrito Federal, Brasil, v. 44, n. 8, 2011. Disponível em: <[http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/texto/11202/7\\_83/boletim-epidemiologico](http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/texto/11202/7_83/boletim-epidemiologico)>.

BUENO, A. A; BERNARDES, A. **Percepção da equipe de enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar móvel sobre o gerenciamento de enfermagem**. Texto Contexto Enfermagem - Florianópolis, n. 1, v. 19, p. 45-53, 2010.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº. 375/2011. **Dispõe sobre a presença do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar e Inter-Hospitalar, em situações de risco conhecido ou desconhecido**. Rio de Janeiro: COREN, 2011. Disponível em: < <http://novo.portalcofen.gov.br/categoria/legislacao>>. Acesso em: 10/01/2017.

COFEN. **Resolução Cofen nº 358, de 15 de outubro de 2009 - Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados**. Disponível em: <[http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen\\_3582009\\_4384.html](http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen_3582009_4384.html)>. Acessado em: 23 fev. 2017.

COSTA, Andreia Ribeiro de; AZEVEDO, Danielly Christine P.. **Ações do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar**. 2014. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Sociedade de Educação e Cultura de Goiás, Goiânia, 2014.

COSTA. H. S. **O Papel do Enfermeiro no Atendimento Pré-hospitalar Frente à Criança Politraumatizada**. Centro Universitário de Anápolis – Uni Evangélica. Anápolis, 2009.

COUTINHO, K.C. **Atividades do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar.** Porto Alegre. Monografia [graduação em Enfermagem] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

COUTINHO, Karen Chisini. **Atividades do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar.** 2011. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. **Lisboa: Edições, 2009.**

FURUKAWA, P. O.; CUNHA, I.C.K.O. Da gestão por competências às competências gerenciais do enfermeiro. **Rev. bras. enferm.** [online]. v.63, n.6, p. 1061-1066, 2010.

GANONG, L. H. Integrative reviews of nursing research. **Research in Nursing & Health,** Hoboken, v. 10, n. 1, p. 10-11, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999, p. 43.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** n. 4. São Paulo: Atlas, 2008.

LUCHTEMBERG, Marilene Nonnemacher. **Processo de Trabalho no Samu: O que pensam os Enfermeiros?** 2014. 141 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Editora Atlas, n. 4, p. 43-44, 1992.

MELLO, A. C.; BRASILEIRO, M. E. A importância do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar (APH): Revisão Bibliográfica. **Rer. Eletr. de Enfer.**[serial on-line] v. 1, n. 1, p. 16, 2010. Disponível em: <[www.ceen.com.br/revistaeletronica](http://www.ceen.com.br/revistaeletronica)>. Acesso em: 16 dez. 2016.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **enferm. Florianópolis,** v. 17, n. 4, 2008. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, W. A.P ; LIMA, M. A. D.S. O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vítima de acidente de trânsito. **Revista da Escola de Enfermagem da USP - SP,** v. 43, n. 2, 2009.

ROMANZINI, M. E; BOCK, L. F. Concepções e sentimento de enfermeiros que atuam no atendimento pré-hospitalar sobre a prática e a formação profissional. **Revista Latino- Am. Enfermagem,** n. 18, v. 2, 2010.

SANTANA, Ana Carolina de Oliveira. **Assistência de Enfermagem dn Atendimento Emergencial ao Paciente Politraumatizado no Pré-Hospitalar: Uma Revisão de Literatura.** Monografia (Especialização) - Curso de Enfermagem, Universidade Castelo Branco, Salvador-bahia, 2010.

SANTOS, Daniela do Carmo Lopes; LIMA, Sara Peris Moreira; SILVA, Thais Wilson; Riscos ocupacionais em profissionais de saúde no atendimento pré-hospitalar. **Revista Eletrônica de Enfermagem** [serial on-line], v. 1, n. 1, p. 10-15, 2010.

SOUZA, João Castro de. **A Importância do Enfermeiro na Assistência de Enfermagem no Atendimento Pré-Hospitalar** São Paulo. 2015. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Enfermagem, AVM-faculdade Integrada, São Paulo, 2015.

SZERWIESKI, Laura Ligiana Dias; OLIVEIRA, Lussandra Ferreira de. Atuação do Enfermeiro na Gestão do Atendimento Pré-Hospitalar. **Revista Uningá**, Itambé - Paraná, p.1-7, 16 mar. 2017.

TORRES. M. C.; GUSMÃO. C. M. P.; LÚCIO. M. G. Riscos Ocupacionais do atendimento pré-hospitalar: uma revisão bibliográfica. **Rev. Interfaces Científicas**, Aracajú, v. 1, n. 3, p. 69-77, 2013. Disponível em;<<https://periodicos.set.edu.br/index.php/saude/article/view/754>>. Acesso em: 11 abr. 2017.